

Argumentos contrários ao descritivismo - 28/02/2023

Argumentação de Kripke contra o descritivismo: um caminho para a volta do referencialismo em nova roupagem**[i]**

Se as teorias descritivistas de nomes (clássica, agregados), pelas quais o significado de um nome é o significado da descrição (particular, complexa) associada ao nome, são mais completas que o referencialismo, já que explicam também a referência (objeto que a descrição aponta), elas também trazem objeções de Kripke que são abordadas por Sagid, conforme sinapses abaixo. As duas primeiras colocam em dúvida a teoria descritivista do significado (a mais importante sendo a segunda, segundo Sagid) e, a última, a teoria descritivista da referência.

****Argumento modal**.** Segundo esse argumento, nomes não são equivalentes a descrições pois se comportam de maneira diferente em contextos modais, que são aqueles que envolvem possibilidade e necessidade. Supondo o NP “Aristóteles” (A) e a DD “o fundador da lógica formal” (oflf) temos de 1.) “Se Aristóteles existe, então Aristóteles é Aristóteles”, algo que não falha, a derivação X.) “Se Aristóteles existe, então Aristóteles é _____”. Atribuindo a DD, postula-se 2.) “Se Aristóteles existe, então Aristóteles é oflf”, algo que não é necessariamente verdadeiro, mas que, para o descritivismo clássico, teria o mesmo significado (1 e 2). Entretanto, Aristóteles poderia ter existido e não ter fundado a lógica formal.

Ora, se 1.) é necessariamente verdadeiro e 2.) é uma verdade contingente, então não podem ter o mesmo significado. 1.) e 2.) tem a mesma estrutura, diferindo pela última ocorrência de Aristóteles que, ao ser substituída pela descrição definida, acarreta a diferença de significado. Por isso, o nome próprio não é equivalente à descrição definida dele e, não só, mas por nenhuma descrição e o argumento se generaliza[ii].

****Mundos possíveis**.** O argumento modal de Kripke se vale do conceito moderno de “mundo possível”[iii][iv], isto é, do modo como o universo é, por exemplo, o fato de que “este mundo é tal que eu sou computador” mas, o mundo poderia ser diferente e eu poderia ser um filósofo. Se há muitos modos, cada modo é um mundo possível, assim como esse mundo, agora, é um mundo possível[v]. Daí que _é possível_ algo que é o caso em _pelo menos um_ mundo possível e _é necessário_ algo que é o caso em _todos_ os mundos possíveis. Esse conceito pressupõe coisas do tipo “Gosto de filosofia em pelo menos um mundo possível”, mas “é necessário que $2 + 2 = 4$ ”, algo que vale em todos os mundos possíveis.

****Designador rígido****. Retomemos 1.) "Se A existe, então A é A" e 2.) "Se A existe, então A é oflf". Pleiteia-se que 1.) é necessário, já que é verdadeiro em todos os mundos possíveis e 2.) não é necessário já que é verdadeiro em alguns mundos possíveis, isto é, contingentemente verdadeiro. Quer dizer, o valor de verdade de 1.) é constante de mundo para mundo, do que Kripke tira, segundo Sagid, que, como o referente do NP é constante, ele é um designador rígido, e como o referente da DD varia, ela é um designador flácido.

3.) "O flf é um homem" é verdade no nosso mundo, mas em outro poderia ser uma mulher. Como o referente da descrição definida se altera de mundo para mundo, então o valor de verdade de 3.) varia. Já 4.) "Aristóteles é um homem" marca o referente em todos os mundos, já que podemos verificar se Aristóteles é um homem, mas não precisamos procurar o referente. Embora Aristóteles pudesse ter tido outro nome, uma vez que A nesse mundo atual seria A em todos os mundos, já que A seleciona sempre o mesmo indivíduo. Ao falarmos de A, sempre falamos de Aristóteles.

Sagid define o designador rígido como "Um termo T é rígido se, e somente se, designa o mesmo indivíduo em todos os mundos possíveis onde ele existe". Já o designador flácido é assim definido: "Um termo T é flácido se, e somente se, não é rígido.". Então, o argumento modal versa que nomes próprios são designadores rígidos, mas as descrições definidas associadas a eles normalmente não são designadores rígidos. E os designadores rígidos não têm o mesmo significado que os designadores não rígidos. Portanto, nomes próprios e designações definidas se comportam de maneira diferente em contextos modais e, por isso, seus significados são diferentes.

****Argumento epistemológico****. Assim como o argumento modal, o argumento epistemológico procura refutar a teoria descritivista do _significado_ dos nomes próprios. Para o argumento epistemológico, nomes e descrições não são equivalentes, isto é, não tem o mesmo significado porque se comportam de maneira diferente em contextos epistêmicos, que são aqueles que envolvem crença e conhecimento.

Novamente, dados o NP A e a DD oflf temos, pelo descritivismo, que são equivalentes. Podemos generalizar 5.) "João sabe que A é A" em Y.) "João sabe que A é ____" e derivar 6.) "João sabe que A é oflf". Pelo princípio da composicionalidade, como sabemos, o significado de uma frase é dado pela sua estrutura e o significado das partes. Ora, 5.) e 6.) tem a mesma estrutura, mas suas partes não parecem ter o mesmo significado já que 5.) é um conhecimento trivial (a priori e, portanto, verdadeiro) e 6.) poderia ser falso, o que faz com que o NP e a DD não tenham o mesmo significado.

Como no caso do argumento modal, aqui também podemos generalizar e, para qualquer descrição definida poder-se-ia dar o caso e, por conseguinte, o significado de A não ser dado por nenhuma descrição definida associada a ele. O mesmo vale para o complexo de descrições pois também pode dar-se o caso de o ouvinte não saber das descrições relevantes, posto que é uma crença difícil de ser atribuída a alguém.

Há o truque de associar 5.) e 6.) formando 7.) “João sabe que o oflf é oflf”, isto é, substituindo todas as ocorrências do NP e aí seria também uma sentença trivial, como 5.). Assim sendo, 7.) não parece ter o mesmo significado de 6.), isto é, 7.) é V e 6.) é F. Também poderia ser argumentado que a objeção é válida, mas não quando é aquela descrição que fixa o nome. Porém se é o caso exatamente da descrição que associa o nome, então Russell diria que são equivalentes (NP ~ DD)[vi].

Mas, de fato, pode dar-se o caso de serem equivalentes. Porém, Sagid ressaltava outro problema, o de falantes que podem significar coisas diferentes quando significam um nome, que é o caso de “A é legal” significando “O flf é legal” ou “O am é legal” (am abreviando o autor da metafísica), dependendo do falante, algo que a teoria dos agregados poderia tentar resolver com a descrição complexa da comunidade, mas que ainda assim poderia diferir da de um falante qualquer, como já vimos.[vii]

****Argumento semântico****[viii]****. Já o argumento semântico, por seu turno, tocará na referência alegando que é verdade que o referente é dado pela descrição, mas não é verdade que o significado do nome é dado pelo significado da descrição. Dados o NP A e a DD oflf temos que o referente do NP é dado pelo referente da DD já que é ela que o fixa. Se a DD não tiver referente ou tiver mais que um referente, o NP falha em se referir, mas se houver um e apenas um objeto que possui a propriedade indicada, então esse indivíduo é o referente.

****Fato individuador****. Ora, se A tem referente é porque se sabe que ele é oflf, há uma crença verdadeira, isto é, se há referente, o usuário do NP sabe que há referente. Por conseguinte, segundo Strawson, tem-se conhecimento de um fato individuador acerca de A: o fato de ser oflf. Sabe-se que A é o único indivíduo a possuir a propriedade de ter sido oflf. Esse fato singulariza, diferencia A do resto dos indivíduos. E, continua Sagid, o conhecimento de um fato individuador é um conhecimento discriminatório, que permite identificar o indivíduo.

O sucesso em se referir provém do conhecimento de um fato individuador que é considerado uma condição de necessária, embora possam haver outros

conhecimentos discriminatórios, conforme sugerido por Strawson, como a percepção. Entretanto, para o descritivismo, são as descrições definidas que permitem o conhecimento de fatos individuadores. O flf é algo só de A, mas ele primeiro seleciona o indivíduo e depois usa o nome. Primeiro a DD e depois o NP.

****Falante ignorante**.** O argumento semântico pressupõe o falante ignorante, que não conhece um fato individuador acerca de algo e se enuncia como:

(P1) Se o descritivismo está correto, então não existem casos nos quais um falante ignorante acerca do referente de um nome consegue se referir a algo através do nome.

(P2) Todavia, existem casos nos quais falantes ignorantes têm sucesso em se referir a algo através de nomes.

(C) Logo, o descritivismo é falso.

Se P1 é o requisito epistêmico, P2 é verdadeiro?

A argumentação de Kripke vai no seguinte sentido, tematizado por Sagid e por nós apropriado, como todo o resto das postagens do curso do IF: Joãozinho vai a aula e escuta do professor “Newton foi mestre de Platão”. Chegando em casa, Joãozinho diz: “Pai, o Newton foi m de P” e aquele responde: “Não, não foi”. Ora, o exemplo mostra que, mesmo dizendo uma falsidade sobre Newton, ele teve sucesso em se referir, mesmo sem conhecer um fato individuador. Agora vejamos o exemplo de Donnellan: os pais estão com uma criança em uma festa e ela dorme. Enquanto isso, os pais encontram Tom e ela abre o olho, diz “oi” e dorme novamente. No outro dia, a criança fala: “Tom é legal”. De novo, ela não conhece um fato individuador e até poderia ter mais de um Tom na festa, mas ela se referiu a Tom.

Entretanto, Sagid aponta para uma supervalorização do argumento, como que somente a pergunta “Quem é Aristóteles?” (que uma criança faz a despeito da conversa de seus pais) já serviria para argumentar que foi feita a referência, mesmo sem que nada se saiba sobre Aristóteles. Então, se a objeção é importante, deve ser usada sem exageros e indeterminações, como pensar que o argumento semântico fosse capaz de pleitear uma tese mais forte e mostrar que falantes _completamente_ ignorantes são capazes de se referir. Ocorre que a pergunta “Quem foi Aristóteles?” pode mostrar que o falante pode não ser tão ignorante pois há o fato individuador que é o fato de que A é a pessoa sobre quem os pais estão falando. E o fato de ouvirmos a frase “Maria é legal” não sugere que conhecemos Maria e que se pode defender a tese forte, pois se nos

perguntassem “Quem é Maria?”, diríamos “Não sei” e ficaria difícil, depois disso, afirmar que ela é legal, o que corrobora o insucesso referencial.

Dito isto, o quadro atual é:

- 1.) teoria referencialista: o significado é a referência – levanta 3 enigmas que podem ser solucionados pela:
- 2.) teoria descritivista (clássica ou agregados): significado do nome é significado da descrição e referência do nome é referência da descrição – levanta as 3 objeções que descrevemos que poderiam ser resolvidas pela:
- 3.) teoria causal da referência, que é uma teoria da referência que se soma ao referencialismo, que é uma teoria referencialista do significado.

* * *

[i] Recortes feitos das aulas 14, 15 e 16 do professor Sagid Salles disponíveis no Youtube. _Curso IF - Filosofia da Linguagem_ :
[https://www.youtube.com/playlist?list=PLb6DzdXIOv4EtJpTp1G9kThcOi_DATFyS](https://www.youtube.com/playlist?list=PLb6DzdXIOv4EtJpTp1G9kThcOi_DATFyS).

[ii] O fato de Aristóteles poder ter morrido meses depois de nascer, o que o deixaria despido de descrições, não me soa convincente, senão que de muito mal gosto.

[iii] Ver <https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2014/05/mundos-possiveis.html>.

[iv] Ref. de Sagid:
[https://criticanarede.com/fil_essencialismo.html](https://criticanarede.com/fil_essencialismo.html):

Essencialismo Naturalizado: Aspectos da Metafísica da Modalidade

[v] Há uma extrapolação metafísico-realista do argumento que versa que cada mundo possível existe na realidade. Sobre isso, ver episódio “#12 - RICARDO SANTOS - SAUL KRIPKE: (O NOMEAR E A NECESSIDADE)”:
[https://www.youtube.com/watch?v=Mk5toR26ESE&ab_channel=FILOSOFIASer%26Pensar](https://www.youtube.com/watch?v=Mk5toR26ESE&ab_channel=FILOSOFIASer%26Pensar)

[vi] Mas deveria ser conhecida por todos?

[vii] Sagid ainda aponta para um descritivismo da referência, de Frank Jackson, que podemos investigar posteriormente.

[viii] Atribuído a Kripke e Donnellan, de acordo com Sagid.